

Por que Migrar? Uma Análise sobre as Motivações que Conduzem às Migrações Internasⁱ

Why Migrate? An Analysis of the Drivers of Internal Migration

Túlio Fernando Mendanha de Oliveiraⁱⁱ
Universidade Federal de Goiás
Goiânia, Brasil

Yacine Guellatiⁱⁱⁱ
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil

Resumo: Neste artigo, analisam-se, de forma sucinta, as motivações essenciais da migração/imigração interna no contexto nacional, observando os movimentos migratórios como intrinsecamente ligados à constituição sociocultural brasileira. A presente análise apoia-se em uma pesquisa bibliográfica com diversos autores/as da temática, além de entrevistas realizadas com migrantes nordestinos na região de Inhumas, estado de Goiás. Como resultado geral aponta-se a existência de três diferentes momentos: a importância dos deslocamentos migratórios enquanto “devir histórico”; as categorias econômicas vistas como motivadoras dessas mudanças de localidades; e as justificativas afetivas dos migrantes, estas últimas ligadas ao parentesco ou à família e que têm uma importância primordial enquanto motivações para o(s) deslocamento(s).

Palavras-chave: Economia; Família; Migração.

Abstract: In this paper the authors analyze essential drivers of migration/immigration through examining movements intrinsically connected to the social and cultural context of Brazil. The research is based on interviews of migrants from Northeast Brazil who live in the region of Inhumas, Goiás state and is interpreted with insights drawn from the literature on migration. Three different moments of migration are detected: the importance of migration as a historical process; economic motivations for leaving one's place of origin; and the migrants' affective justifications. The latter is shown to be linked to kinship or family ties and to be the most relevant motivation for migrating.

Keywords: Economy; Family; Migration.

ⁱ As bases deste artigo são oriundas da dissertação de mestrado “*Toma cuidado com esses baianos*”: migração, identidade e preconceito na relação entre estabelecidos e outsiders em Inhumas (GO), defendida em 2017 (MENDANHA, 2017).

ⁱⁱ Doutorando em Antropologia. tuliofmendanha@hotmail.com

ⁱⁱⁱ Doutorando em Sociologia. y.guellati1987@gmail.com

Introdução

A globalização dos movimentos migratórios e o aumento da visibilidade dos imigrantes gerou no inconsciente coletivo mundial um renovado sentimento de insegurança e de desconfiança face ao outro. Como salientado por Assis (2007) percebe-se que no atual mundo globalizado “os migrantes não são considerados livres para circular e são tratados como ameaça, como questão de segurança nacional” (p. 745).

A problematização das migrações internacionais tem se tornado um fenômeno cada vez mais visível em escala mundial, como testemunham, por exemplo, as políticas migratórias adotadas nos Estados Unidos da América após a eleição à presidência de Donald Trump e também o avanço eleitoral na Europa de candidatos da extrema-direita, que sugerem políticas migratórias restritivas, em países como a França, a Inglaterra ou a Alemanha. A situação não é diferente em escala nacional, onde a chegada de migrantes oriundos de países como Haiti e Venezuela, mas também de países do Oriente Médio, como a Síria, tem sido motivo de debates, discussões e do aumento de discursos preconceituosos, xenofóbicos e estereotipados que sustentam a ideia cada vez mais emergente de uma identidade ou uma cultura essencialmente nacional. Há de se expor, através das mais diferentes formas, a concepção de que ambos os conceitos são constructos discursivos com forte teor político, além de serem usualmente amparados por ideologias conservadoras e reacionárias.

Benedict Anderson (1993) já havia sinalizado que os dispositivos discursivos criam estratégias representacionais que retomam a noção de uma cultura ou identidade nacional pura, estas são, recorrentemente, amparadas por anacronismos históricos e tradições, as quais também podem ser vistas enquanto invenções (HOBSBAWN; RANGER, 1996) que sustentam as narrativas de determinados grupos interessados numa imagem de uma nação fechada dentro de um único circuito cultural. Nesse sentido, os indivíduos veem a si mesmos como pertencentes a uma comunidade comum, a qual, na análise de Anderson, é imaginada – local onde compartilham símbolos e signos em comum.

O discurso¹ oficial aciona modos de delinear o pertencimento a um lugar, buscando unificar os diferentes membros ao projeto nacional, no caso das nações, ou ao projeto tradicional, no caso das cidades. No entanto, ainda que os indivíduos sejam diferentes em termos de cor, classe social ou gênero, esses discursos trabalham no sentido de transformá-los em uma identidade cultural, como se fossem todos “uma mesma família”. Desse modo, memória e história reordenam a cultura num esforço de perenidade, de acordo com interesses de grupos e “famílias tradicionais”, as quais são frequentemente dotadas de maior capital cultural, influência política e tempo de pertença.

Migrantes e imigrantes – por vezes dependendo de onde se deslocam – são constantemente (re)avaliados de acordo com interesses diversos, e, periodicamente, são enquadrados como indesejados, diferentes, *outsiders*² e outras caracterizações que reforçam os marcadores sociais da diferença, expondo constantes assimetrias entre um grupo e outro: os que chegam e os que já vivem em um determinado lugar. Esse pensamento conservador alija os movimentos migratórios enquanto sua real complexidade nega a heterogeneidade intrínseca das localidades, generalizando, assim, uma homogeneidade que não se sustenta factualmente, além de ignorar os processos históricos estruturais que tem no

massivo movimento e deslocamento dos grupos, bem como na diversidade, a gênese da formação das localidades. A migração é, portanto, em seus múltiplos significados, o contato de um repertório simbólico cultural com outro, além de representar efetivamente uma das mais importantes facetas constituintes da formação nacional.

Nesse artigo, busca-se apresentar um breve aporte teórico sobre autores/as que versam sobre duas motivações essenciais nos processos de migração e/ou deslocamento: os motivos econômicos e/ou afetivos. As análises que serão a seguir apresentadas são, em parte, oriundas de uma pesquisa de mestrado (MENDANHA, 2017). Ainda que a experiência etnográfica e as entrevistas representem o contexto e as características típicas de Inhumas, município situado no estado de Goiás, no qual a pesquisa se desenvolveu, defende-se que a revisão bibliográfica sobre o tema permitiu explorar a seara dos movimentos migratórios de uma forma ampla. Além disso, serão aqui utilizados alguns trechos de entrevistas, com o intuito de demonstrar a importância da etnografia e da história oral nas análises acadêmicas para expor as subjetividades dos sujeitos, bem como suas importantes categorias nativas, uma vez que se defende que a pesquisa não foi feita “sobre eles”, mas “com eles”.

Breves Considerações sobre a Noção de Fluxos Migratórios

Em primeiro lugar, devemos nos perguntar: quem é o migrante? Quais as diferenças primordiais nas etimologias dos conceitos “migrante”, “emigrante” e “imigrante”? Para responder a essa primeira indagação, Golgher (2004) define que:

O migrante é o indivíduo que morava em um determinado município e atravessou a fronteira deste município indo morar em um outro distinto. Se eu mudo de bairro em um mesmo município, eu não sou um migrante, pois continuei morando no mesmo município, isso mesmo que a distância envolvida na troca de domicílio seja muito grande. (...) O migrante sai de um local e vai para outro. Ele tem uma origem e um destino. Uma pessoa que sai de uma região é um emigrante de seu local de origem. Uma pessoa que vem para uma região é um imigrante em seu local de destino. Eu morava em Belo Horizonte e fui morar em São Paulo. Sou um migrante, pois troquei de município. Minha origem é Belo Horizonte. Eu sou um emigrante deste município. Meu destino foi São Paulo. (2004, p. 7-8)

Outro termo frequentemente utilizado pelos estudiosos das ciências sociais ao se referir aos deslocamentos é o termo “fluxos migratórios”. O termo “fluxo” engloba variada gama interpretativa e vem sendo debatido entre pesquisadores de diversas vertentes. Scott Lash e John Urry (1994) mostraram que o termo “fluxo” pode ser associado às sociedades globais em que, na transição do século XX para o XXI, passaram a transitar novos fluxos de capital, trabalho, mercadorias, informações e imagens.

Para Hannerz (1997), centra-se o interesse da antropologia pelo termo devido às múltiplas associações do mesmo nas diversas ciências sociais, deste modo, o próprio termo etimológico em si “migra”, mudando de significado entre uma área de interesse e

outra. Appadurai (1996) propõe um significado mais extenso, ligado estruturalmente aos “fluxos culturais globais”, pensando em uma macroantropologia. Nessa mesma forma macroestrutural, Kroeber (1952) se referia ao tema buscando caracterizar “o interfluxo de material cultural entre as civilizações”. Hannerz parte desses pontos de vista e aponta que a noção de “fluxo” pode ser usada de duas maneiras:

A primeira parece mais afinada com o uso corrente, referindo-se ao deslocamento de uma coisa no tempo, de um lugar para outro, uma redistribuição territorial. Isso de fato parece ser uma forma de reintroduzir a ideia de difusão, sem a necessidade de recorrer a este termo aparentemente fora de moda. A segunda é essencialmente temporal, sem implicações espaciais necessárias. (1995, p. 5)

Como supracitado, as associações ao termo são diversas e muitas delas se modificam no decorrer do tempo, ou ainda, podem apresentar diferentes concepções, as quais, por sua vez, são de diferentes correntes teóricas da antropologia. Fugindo à designação macro, destaco que, em nosso caso, o termo fluxo se encaixa no que Hannerz (1995) chama de redistribuição territorial. Porém, no “caso dos fluxos de culturas, é certo que o que se ganha num lugar, não necessariamente se perde na origem. Mas há uma reorganização da cultura no espaço” (p. 6). Todavia, como fora destacado sobre a aparente multiplicidade de temáticas relacionadas ao termo em si, é necessário relatar que, em nosso caso, fluxos inter-relacionam a transição entre: trabalho, mão de obra, cultura, mercadorias e populações.

Migração e Identidade Cultural na Perspectiva dos Pós-Coloniais

Durham (2004) destaca que migrantes e outras minorias vêm sendo estudados, pois emergem como novos atores políticos, adquirindo interesse da parte de nós, antropólogos. A autora sustenta que a nossa ciência visualiza estes grupos, outrora vistos como despossuídos de qualquer protagonismo, como agora dotados de significações diversas e complexidades reflexivas. Ademais, a autora também sustenta que a Antropologia sempre se interessou pelas minorias – os coadjuvantes. Em suma, os grupos que outrora se encontravam longe do cenário político. Isso concedeu à nossa ciência um caráter aparentemente marginal.

Todavia, estes que eram figurantes aparecem hoje com especial atenção no cenário social brasileiro (mas também internacional); são atores políticos dotados de novas reconfigurações e remodelações em âmbito nacional. Nesse sentido, estudá-los representa compreender as novas dinâmicas e transformações da sociedade brasileira que se desenha no horizonte. Ressalta-se também a ascensão dos estudos pós-coloniais se posicionando em uma ordem de assimilação nova dos ditos subalternizados (SPIVAK, 2010), buscando dar voz e substancialidade aos sujeitos que antes não as tinham.

O conceito de identidade passou por diversas transformações e reinterpretções nas ciências sociais, sobretudo devido ao processo de globalização do mundo contemporâneo. Tal temática é tratada por diversas abordagens conceituais, no entanto parece interessante observar como ela foi abordada pelos teóricos pós-coloniais uma vez que

acredita-se que estes põem à luz diferentes perspectivas de análise a respeito da temática das migrações.

Para começar, cabe salientar que os estudos pós-coloniais operam em uma abordagem pluridisciplinar e apresentam como característica comum o esforço de esboçar, pelo método da desconstrução dos essencialismos, uma referência epistemológica crítica às concepções dominantes da modernidade (COSTA, 2006).

Stuart Hall, sociólogo jamaicano que fez carreira na Grã-Bretanha, é considerado um dos principais teóricos do pós-colonialismo e uma figura central dos *Cultural Studies*. Em vários de seus trabalhos, o sociólogo refletiu sobre como o conflito social se expressa no âmbito da cultura, já que para Hall o campo da cultura deve ser entendido como um espaço político onde hegemonias se fazem e se desfazem.

Com relação ao conceito de identidade, Hall (2000) defende que as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (p. 108). Para Hall, a identidade é irrevogavelmente histórica (2003, p. 30). Ao alegar que as identidades são construídas dentro e não fora do discurso, Hall justifica a necessidade de compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (2000, p. 109). Para ele, as identidades emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica (p. 109). Assim, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela (p. 110) ou, como argumenta Laclau (1990): a constituição de uma identidade social é um ato de poder fazendo com que as unidades que as identidades proclamam [sejam], na verdade, construídas no interior do jogo do poder e da exclusão (apud Hall, 2000, p. 110). Por fim, a identidade significa, também na concepção de Hall:

O ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. (2000, p. 111-112)

Das Motivações Econômicas para Migração como “Projeto de Vida”

De forma geral, os migrantes que se deslocam de uma região a outra buscam, primordialmente, melhores condições de vida, para si e para o círculo familiar íntimo. Nesse contexto, o “trabalho” e o “trabalhar” são parte importante do processo de estabelecimento. Longe das análises macroeconômicas, os grupos migrantes estão economicamente interessados na possibilidade de mobilidade social alcançada através do trabalho.

Como as questões relacionadas à economia permeiam os fluxos migratórios, a categoria nativa, o “melhorar de vida” é constantemente uma das justificativas recorrentes ao processo migratório e “ganhar dinheiro” pressupõe significados polisêmicos, especialmente no que se refere à palavra dinheiro e sua materialidade.

Neiburg (2010) diz que através do soldo ocorre uma transformação na vida coletiva e esta transformação é apreendida através dos diversos sentidos sociais do dinheiro. Porém, o olhar antropológico aqui se situa no que se chama: “buscar compreender os sentidos que as transformações sociais em curso têm para pessoas singulares de carne e osso” (NEIBURG, 2010, p.6). O dinheiro recebido, porém, não se caracteriza unicamente como uma moeda de troca ou de dádiva entre o oferecimento de mão de obra em troca do salário, redutível numericamente, tampouco se restringe a seu valor pecuniário.

Uma das análises basilares na construção deste trabalho foram entrevistas feitas com três irmãos anteriormente residentes em Alagoas. São duas mulheres, M. e V., e o irmão mais novo, P. A fala destas três pessoas são importantes para entendermos como as questões econômicas e familiares estão intimamente ligadas ao processo migratório:

Meu marido cortava cana e a gente veio pra cá porque primeiro o pai dele veio na frente. O pai dele veio embora pra cá, depois ele quis vir, aí ele me perguntou se eu vinha ou se eu ficava, aí eu pensei, é o jeito eu ter que ir, aí eu vim, porque aqui é muito melhor de trabalho, pra ganhar dinheiro, muito melhor de que lá. (M., 21-04-16)

Muitos vêm, aí se tiver parente por aqui fica, aluga casa, aí depois manda buscar o resto da família. E muitos que já têm família aqui, vêm com a sua família completa, fica na casa da família por uns tempos, depois aluga casa e vai morar. (V., 14-04-16)

Vejamos o que diz M. sobre as questões monetárias:

Porque eu acho assim, trabalhar não mata ninguém não, é só você ter força de vontade, trabalhar e ter suas coisas honestamente. Tudo que eu tenho dentro da minha casa hoje custou tudo do meu suor, eu tenho orgulho de falar pra todo mundo, e todo mundo aqui nessa rua me conhece, sabem do jeito que eu cheguei aqui, a maneira que eu cheguei, só com a roupa, e umas panelinhas dentro de um saco, nem bolsa eu tinha, era um saco. E o jeito que eu estou hoje, aí todo mundo fala: nossa senhora, do jeito que essa menina chegou aqui, e o jeito que ela está hoje. Então tudo que eu tenho dentro de minha casa hoje foi o suor daqui ó, do meu rosto, trabalhando honestamente graças a deus. Tudo que eu não tive naquele tempo que eu morava lá (em Alagoas) hoje eu tenho, e meus filhos também. (M., 21-04-16)

É importante notar que a categoria trabalho tem uma representação forte para os migrantes aqui estudados, como testemunha a fala de M. Ademais, o dinheiro aqui tem um sentido polissêmico: ele significa mudança de *status*, projeto familiar de vida, e ainda elenca questões afetivas interligadas à memória: mais de uma vez, um dos pais ou mães que foram entrevistados fizeram uma comparação entre a situação que seus filhos vivem hoje, e como era a sua vida na idade dos filhos.

Cita-se que, nas casas de M. V. e P. pode-se notar uma estrutura relativamente boa. Estes residiam em casas alugadas, mas em geral bem mobiliadas, P. tinha uma moto do ano, M. dizia dar-se ao luxo de ter parabólica e internet para os filhos em casa, coisas impensáveis em sua juventude. V. fez questão de me mostrar sua geladeira nova e como dentro dela havia muita carne. Nota-se, no caso destas três entrevistas, que são pessoas da mesma família, e que o processo de vinda foi paulatinamente construído. Primeiro veio M. depois V. e por último P. que se dizia muito apegado às irmãs, o que motivou sua vinda.

Sigaud (1977) destaca que o dinheiro tem representatividades diversas: alimento, roupa, moradia, serviços e até ocasiões rituais. O dinheiro não é, então, algo puramente abstrato. Neiburg (2010, p. 8) argumenta que o dinheiro “é revestido de sentidos singulares”, o que corrobora com o estudo clássico de Simmel (1998), o qual destrincha o conceito de valor econômico, observando que o valor não é uma propriedade inerente, mas um julgamento que os indivíduos fazem sobre ele.

M. destaca a diferença entre o contexto da cidade de Inhumas-GO, onde mora hoje, e a sua realidade enquanto moradora de Alagoas. Assim, segundo ela, há um antes e um depois, somente acessível através da melhoria salarial:

O salário lá (Alagoas) é mais pouco, tudo que você faz lá, trabalha, trabalha, mas não recebe o salário combinado, e aqui é mais diferente, o estilo de vida aqui, já tem onze anos que eu moro aqui. E vim assim e gostei, e agora não pretendo voltar pra trás tão cedo. (M., 21-04-16)

A noção de melhoria de vida abarca não apenas o indivíduo, mas traz consigo um projeto de melhoria mútua de si e de seus familiares. Por sua vez, essa melhoria de vida pressupõe uma mudança no “estilo” de vida. Esse comparativo aparece nas memórias dos migrantes que se estabeleceram há mais tempo nas cidades e lugares onde se propuseram a mudar: o padrão de vida que seus filhos têm hoje é marcadamente diferente do estilo de vida que eles tinham na idade dos filhos. Maciel (2010) se remete indiretamente a Menezes e articula:

No caso dos migrantes estudados, o projeto de “melhorar de vida” articula a família em toda sua extensividade e o faz explorar as possibilidades abertas. Logo, nas diferentes trajetórias: “alguns conseguem, em determinado momentos dos ciclos de vida alcançar as condições de reprodução que os definem, (...) enquanto outros têm suas trajetórias marcadas pelo deslocamento permanente e simultâneo entre duas formas de reprodução. (MENEZES apud MACIEL, 2010, p. 74)

Aqui podemos compreender etnograficamente como o dinheiro é visto enquanto uma categoria simbólica (e que pressupõe diversas outras visualizações acerca do social e das sociabilidades) e como ele pode integrar as histórias de vida dos migrantes. A oferta de empregos e o oferecimento destes com carteira assinada e a construção do que se chama “projeto de vida” são os fatores principais aos quais se atribui um crescente sentimento de magnetismo migratório a determinadas localidades. Sobre tal questão Brito (2009) se posiciona:

Mesmo que ocorram obstáculos intervenientes, associados à distância ou aos custos de transportes, assim como aos problemas psicossociais inerentes ao traslado, a virtuosidade econômica e social das migrações é um pressuposto inegável dessas teorias. Essa dimensão positiva das migrações, tanto do ponto de vista social, quanto econômico, serve de pano de fundo para a racionalidade da decisão de emigrar. A análise custo-benefício, em todas as suas dimensões, tende a ser amplamente favorável aos benefícios. Emigrar em direção às grandes regiões urbanas é a opção mais adequada quando o objetivo é a melhoria do padrão de vida, mesmo quando se considera a enorme adversidade que essas regiões impõem aos imigrantes e suas famílias. Até porque elas tendem a ser superadas quanto maior for o tempo de residência desses imigrantes. O migrante é considerado como um indivíduo dotado de racionalidade econômica na decisão de migrar e, portanto, capaz de desenhar os seus caminhos pelo território de uma maneira adequada às necessidades do mercado de trabalho. Como se cada migrante fosse um “empresário de si mesmo” procurando a localização ótima para o seu “capital humano”. (BRITO, 2009, p. 6)

A necessidade de mudança de vida emparelha-se com a condição de maior tranquilidade adquirida pelos familiares e/ou amigos que já residem na região à qual planeja migrar. A globalização das informações é fator importante nesses processos de tomadas de decisões:

As forças da globalização, a diminuição dos custos de transporte e, talvez ainda mais importante, os custos de informação exercem grande influência sobre as migrações. O acesso de maneira rápida e praticamente sem custo às informações possibilita aos migrantes potenciais ter mais consciência do mundo à sua volta. A agilidade e a rapidez dessas informações ao alcance da população fazem com que os indivíduos conheçam melhor as oportunidades disponíveis nas mais diversas regiões do mundo. A troca de informações sobre o que acontece aos amigos e às famílias que já se mudaram colabora com o aumento da probabilidade de migrar. (COYLE, 2003, p.181)

A maior circulação de informação interligada pela mais numerosa possibilidade de mobilidade propiciada pela internet, e os meios de comunicação globalizados podem também apontar caminhos pelos quais esses trabalhadores migram.

Sobre a Necessidade de Mudança

A nova cidade – ou o novo lugar – transmite o sentimento de mudança. Como já destacamos, um exemplo disso é a alusão dos migrantes à situação de vida dos filhos: Eles (os filhos) têm coisas que eu nunca tive. Essas “coisas” são aparentemente simples. Acesso à escola, casa mobiliada, acesso à internet, brinquedos para as crianças, televisão e uma educação melhor. Mas o que se argumenta é que esses acessos fazem parte do que se chama “projeto de vida”. Na perspectiva de Gilberto Velho (2003, p. 101), o pro-

jeto engloba uma série de objetivos, embora possam ser agrupados como uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Seguindo o raciocínio do autor, o que se pleiteia é uma espécie de organização biográfica do(s) sujeito(s). Os indivíduos constroem a sua noção de projeto levando em consideração significações e acontecimentos do passado, e, é claro, a ação do presente. Dessa forma, se pudermos inserir os migrantes nessa perspectiva, vemos que são influenciados pelos campos de possibilidades nos quais eles próprios estão inseridos.

Gilberto Velho (2003) agrupa seu pensamento em campos. O campo das possibilidades é o primeiro, em seguida temos o “potencial de metamorfose”, que consiste na alteração a curto ou longo prazo, por parte do indivíduo, em seu projeto original. Nesse processo ele (re)negocia a sua realidade de acordo com a coletividade. Um exemplo próximo seria o dos migrantes com projetos pessoais, mas que são estendidos e renegociados de acordo com as necessidades de seu grupo ou família. Aplica-se aqui, portanto, que o indivíduo seja trazido a negociar com sua “rede de significados” (GEERTZ, 2008):

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios. (VELHO, 2003, p. 46)

Vemos que o potencial de metamorfose pode ter sua viabilidade intrinsecamente ligada aos interesses do grupo e, portanto, ele depende de uma interação entre o indivíduo e sua coletividade receptiva, assim, o projeto de vida é visualizado como mais palpável por exercer sobre os migrantes fatores que o agregam socialmente. Essa necessidade de interação ao novo lugar de pertença é o que torna mais pragmática a mudança, caso haja também uma receptividade familiar. Dessa forma, agregam-se aos fatores de ascensão social outros, de caráter consanguíneo ou afetivo. Se houver uma confluência entre possibilidades econômicas melhores e recepção afetiva familiar, o processo de deslocamento se torna menos custoso, além do projeto de vida mais alcançável, ainda que este se situe muitas vezes em longo prazo.

Família, Parentesco e Afetividade

O sociólogo argelino Abdelmalek Sayad dedicou a maior parte de sua carreira ao estudo da migração no contexto francês e mais especificamente a observação da construção da identidade do imigrante. Em *L’immigration ou les paradoxes de l’altérité* (2014), Sayad operou uma quebra de paradigma na forma em que os estudos sobre imigração eram realizados na França ao identificar a existência de correntes migratórias diferentes e tratadas diferentemente em função de suas significações sociais e políticas e não tratando a temática de forma homogênea, mas abordando-a de um ponto de vista mais humanizado. É com base nessa perspectiva que o autor interessa-nos nessa pesquisa, ainda que estudando um contexto totalmente diferente.

Remetendo-se aos imigrantes italianos em São Paulo, Collaço (2009) articula as diversas noções que contribuem na decisão de empreender o processo de emigrar, ou em seu caso estudado, de migrar:

De qualquer modo, grandes processos de imigração, como foi o caso dos emigrados dos países europeus do começo do século XX, respondem a um processo estrutural em que fatores de expulsão e fatores de absorção agem em conjunto para formalizar o fenômeno. No entanto se essas condições orientam a decisão de emigrar, delineando as possibilidades de novos lugares e de trabalho, é preciso tomar decisões de nível cotidiano que permitam conduzir a vida de alguma forma no mínimo suportável. Emergem algumas estratégias coletivas que tentam minimizar o impacto da experiência e facilitar o ajuste a nova sociedade. (2009, p. 21)

O parentesco é uma categoria central na questão migratória, uma vez que ele responde a uma rede de reciprocidade e de solidariedade entre os migrantes e representa também uma estratégia de (re)ajuste à nova realidade. Podemos visualizar esse parentesco por meio da consanguinidade e da aliança. Apesar de não se esgotar unicamente nessas duas características, o parentesco imbrica também na existência de direitos e deveres entre os aliados. Nesse sentido, essa rede de afetividade e familiaridade não se assenta unicamente em fatores biológicos ou de consanguinidade, pois é notável que essa ligação seja também de caráter sociocultural entre um determinado grupo. Sahlins (1986) aponta que as relações como a de amizade, por exemplo, podem ser tidas como relações de parentesco ou como uma possível “existência coletiva”.

De forma semelhante, Santos (2006) considera que além da consanguinidade existem laços socialmente reconhecidos entre as subjetividades dos indivíduos, e, dessa forma, em nosso caso é notório que a vinda de migrantes para Inhumas tem nos fatores motivadores os laços de família ou laços de amizade e afinidade construídos – um de seus chamarizes essenciais. Essa lógica da reciprocidade, dos direitos e deveres, é visível entre os entrevistados. Tais laços de amizade e afetividade também são vistos quando emerge o compartilhamento de informações acerca do trabalho. Maia (2002) chama a atenção para a rede de parentesco e como ela oferece um sentimento de maior acolhimento:

As reações sociais primárias de caráter familiar a par das relações de conterraneidade pois estas “são indispensáveis na fixação dos migrantes, (...) e permanecem após a estadia, (...) por contatos à distância a partir dos que migram e os que ficam na terra de origem (...)” (p. 60).

Lyra (2005) assevera que as redes de parentesco oferecem apoio psicológico. Além do mais, sustentam elos entre emprego, moradia, comunicação e, de forma geral, têm um significativo papel entre os envolvidos no processo. A autora estabelece que as “redes sociais” mais importantes são as do parentesco, amizade e conterraneidade. Bilac (1997) sinaliza de modo parecido:

Correntes migratórias são estimuladas pelas redes sociais baseadas em laços familiares, domésticos, de amizade e comunitários. Ligando migrantes e não migran-

tes em uma complexa teia de redes de relações sociais e interpessoais, tais redes conduzem informação, assistência social e financeira. Elas também modelam os efeitos da migração (...) e a continuidade dos fluxos migratórios. (1997, p. 70)

Durham (1984) situa esses aspectos como formas de adaptação à nova cidade, onde o migrante procurou se estabelecer. Em diversos vieses, o parentesco oferece uma inter-relação de solidariedade. Além do mais, é recorrente que os migrantes de uma mesma família e, por vezes, de uma mesma região, passam a viver geograficamente próximos. Para a autora, essa estratégia representa também adequação e ajustamento a um ambiente novo. Esta readaptação é necessária, bem como é preciso que o recém-chegado não dissolva completamente seus laços com a região de origem. A esse respeito, Brito (2009) diz:

A movimentação no espaço geográfico equivale a uma movimentação no espaço social, organizada a partir do grupo de relações primárias: família, parentes, vizinhança e amigos. É o grupo de relações primárias que acumula as informações necessárias para reduzir os riscos inerentes à migração, ajudando a adaptação na sociedade urbana e, ao mesmo tempo, faz com que o migrante não dissolva os seus laços com a região de origem. (2009, p. 11)

Nesse sentido, a presente experiência etnográfica mostrou como os fluxos e os deslocamentos migratórios estão associados aos grupos familiares e aos demais fatores estruturais. Argumento esse que pode ser visualizado em comum a quase todos os entrevistados: o sentimento nostálgico de rememoração – muitos sentem saudades do local onde nasceram. Já foi demonstrado por Gupta & Ferguson (2000, p. 36) que “os lugares lembrados têm servido como âncoras simbólicas para gente dispersa”. Já Woortmann (2014, p.14) ensina que a terra na qual nasceu pode ser vista pelos imigrantes ou migrantes como uma “categoria nucleante”, isto é, que “constitui parte de uma teia de significados” e “na qual igualmente se encontram as categorias família e trabalho”, desse modo, “a terra natal permanece um dos símbolos unificadores mais poderosos para povos móveis e deslocados” (GUPTA; FERGUSON, 2000, p. 36).

Relacionada à vinda e ao estabelecimento na cidade através de vínculos familiares surge a questão da permanência. Entre os entrevistados, é uma unanimidade que os migrantes querem se estabelecer na cidade de forma definitiva. Telles (1993) destaca:

A família no caso “é o espaço que viabiliza a sobrevivência cotidiana pelo esforço coletivo de todos os seus membros; é o espaço no qual constroem os sinais de respeitabilidade que neutraliza o estigma da pobreza; é o espaço, ainda, no qual elaboram o sentido de dignidade que compensa moralmente as adversidades impostas pelos baixos salários, pelo trabalho instável e pelo desemprego periódico”. (1993, p. 107)

Estabelecer-se no lugar onde se propôs a morar é um diferencial que modifica a estrutura econômica familiar. Portanto, passar a viver onde a melhoria salarial se assentou e as redes de sociabilidade e parentesco são estáveis configura um passo a mais na cons-

trução do projeto de vida. Maciel (2010) se refere a essa condição dos laços familiares retornando mais uma vez na importância das redes de parentesco:

A importância da família no amparo de seus membros no momento da migração é central para realização do projeto migratório. Neste contexto, o grupo familiar assume novos arranjos, que não respondem, necessariamente, ao tipo de família nuclear concebido como princípio organizador da família no Brasil pós-anos 1970. O entrelaçamento entre migrações e grupo familiar leva em consideração, neste texto, a família de trabalhadores rurais migrantes, antigos moradores ou pequenos proprietários do norte e nordeste do país que passaram pela a dissolução do trabalho familiar em prol do trabalho individualizado, do *agrobusiness*. (2010, p. 225)

Vettorassi (2014) também nos mostra que migrantes, em um processo de ambientação novo, reconstruem suas cadeias de significação, recolocando suas devidas identidades e reavaliando seus diferentes modos de ver o mundo:

Novas racionalidades, redes e processos ocorrem entre os grupos migrantes, e é possível que, ao invés de ali haver um escamoteamento de seus modos de vida, de sua cultura, de seus tempos e espaços, bem pelo contrário, ali há processos e códigos utilizados para a preservação e difusão de algumas de suas identidades. (2014, p. 157)

Já Elias e Scotson (2000) trazem a questão dos deslocamentos migratórios em sua obra e, nesse sentido, suas definições iluminam muito bem o argumento inicial desse texto:

Os aspectos migratórios da mobilidade social são um exemplo. Às vezes, são concebidos simplesmente como aspectos geográficos: tudo o que parece acontecer às pessoas para se deslocarem fisicamente de um lugar para outro. Na realidade, elas sempre se deslocam de um grupo social para outro. Sempre tem que estabelecer novos relacionamentos com grupos já existentes. Tem que se acostumar com o papel de recém-chegados que tentam fazer parte de grupos com tradições já estabelecidas ou que são forçados a uma interdependência com eles, tendo que lidar com os problemas específicos desse novo papel. Muitas vezes lhes é atribuído o papel de *outsiders* em relação aos grupos estabelecidos e mais poderosos, cujos padrões, crenças, sensibilidade e costumes são diferentes dos seus. (2000, p.174)

A afirmação de que as pessoas deslocam grupos sociais de um lugar ao outro também é complementada pelo fato de que o migrante não desloca unicamente a si e sua família a outro lugar, ele desloca todo o seu repertório cultural simbólico. É aqui que percebemos como os deslocamentos são polissêmicos no sentido de confluência de culturas, signos, cosmologias e heterogeneidades, tudo isso através da movimentação de pessoas que dentro de sua mala carregam também memórias e histórias.

Considerações Finais

Com esse texto, buscou-se demonstrar não apenas as razões econômicas e como essas funcionam como força motriz – segundo uma série de avaliações feitas pelos indivíduos no que se refere ao contexto econômico de si e familiar – como também propôs-se a defender a lógica das afetividades, do micro social, das histórias de “gente comum”, além de abordar como estas histórias pressupõem valores que emanam do individual e incidem no grupo.

Compreender a dinâmica dos movimentos migratórios enquanto devir corresponde também a entender estes como equipamento cultural tradicional brasileiro, conforme defendeu Durham (1984). Além do mais, a complexidade dos movimentos migratório-imigratórios representa, por si só, uma série de outras questões interligadas às mazelas sociais nacionais em âmbito coletivo, como redistribuição de renda, desigualdade social e regional e, por vezes, concentração fundiária. No que se referem às subjetividades, os deslocamentos têm aspirações diversas, compreensíveis a nós pesquisadores apenas se conseguirmos intercambiar uma relação entre vicissitudes dos indivíduos e seus desejos intrínsecos.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Cultura libre, fondo de cultura económica, 1993.

APPADURAI, A. *Modernity at large*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ASSIS, G. O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Estudos feministas*. v. 15, n. 3, p. 745-771, 2007.

BILAC, E. D. Arranjos domésticos e condição migratória. In: PATARRA, N.; BAENINGER, R.; BÓGUS, L. M.; JANUZZI, P. (orgs.). *Migrações, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993*. Campinas: Unicamp/IE, p. 177-268, 1997.

BRITO, F. *As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes*. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2009. 20 p. (Texto para discussão n. 366).

COLLAÇO, J. H. L. *Sabores e memórias: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22022010-125038/pt-br.php>.

COSTA, S. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 60, 2006.

COYLE, D. *Sexo, drogas e economia: uma introdução não convencional à economia do século 21*. Tradução Melissa Kassner. São Paulo: Futura, 2003.

DURHAM, E. R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1984. 245 p. (Coleção debates/Perspectiva, 77).

_____. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. 156 p.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 7-12, 2000.

FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLGHER, A. B. *Fundamentos da migração*. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2004.

GUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, A. A. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papiрус, p. 30-49, 2000.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 103-131, 2000.

_____. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Humanitás, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras chave da antropologia transnacional. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

HOBSBAWN, E; RANGER, T. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

KROEBER, A. *The nature of culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1952.

LASH, S.; URRY, J. *Economy of signs and space*. Londres: Sage, 1994.

LYRA, M. R. S. B. Sulanca X Muamba: rede social que alimenta a migração de retorno. *São Paulo em perspectiva*, v. 19, n. 4, p. 144-154, 2005.

MACIEL, L. M. O sentido de “melhorar de vida na cidade”. In: BAENINGER, R. (org.). *Populações e cidades, subsídios para o planejamento e para as políticas sociais*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Brasília: UNFPA, p. 223-237, 2010.

MAIA, R. L. Migrações e redes de relações sociais em meio urbano: um exemplo a partir do Porto. *Revista de Demografia Histórica*, v. 20, n. 1, p. 53-80, 2002.

MENDANHA, T. F. “Toma cuidado com esses baianos”: migração, preconceito e identidade na relação entre estabelecidos e *outsiders* em Inhumas-GO. Dissertação (Mestrado). UFG. Goiânia 2017.

NEIBURG, F. *Os sentidos sociais da economia*. Horizontes das ciências sociais no Brasil-Antropologia. São Paulo: ANPOCS/Barcarolla/Discursos Editoriais, p. 1-34, 2010.

_____. A sociologia das relações de poder de Norbert Elias. In: ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 7-12, 2000.

SAHLINS, M. *Historical metaphors and mythical realities*. Michigan: Michigan Press, 1986.

SANTOS, A. *Antropologia do parentesco e da família*. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

SAYAD, A. *L’immigration ou les paradoxes de l’altérité*. T. 1 – La fabrication des identités culturelles. Paris: Raisons d’Agir, 2014.

SIGAUD, L. A percepção do salário entre os trabalhadores rurais. In: SINGER, P.; PINSKY, J. (orgs.). *Capital e trabalho no campo*. São Paulo: Hucitec, p. 49-67, 1977.

SIMMEL, G. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, J., OELZE, B. (orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UNB, 1998.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133 p.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (3. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

VETTORASSI, A. Mapas afetivos: recursos metodológicos baseados na história oral e reflexões sobre identidades espaciais e temporais em estudo sociológico. *História e Cultura*, v. 3, n. 3 (Especial), p. 155-176, 2014.

Túlio Fernando Mendanha de Oliveira e Yacine Guellati

TELLES, V. S. *Pobreza e cidadania* – dilemas do Brasil contemporâneo. Caderno CRH 19, Salvador, 1993.

WOORTMANN, E. F. Migração, família e conhecimentos tradicionais. *Vivência: revista de antropologia*. v. 1, n. 43, p. 13-27, 2014.

Recebido em: 30/07/2018

Aceito em: 22/10/2018

¹ A noção de discurso se expande para além do mesmo, como bem mostrou Michel Foucault (1996). Em sua abordagem metalinguística o filósofo questiona a ilusão monológica do conceito de discurso bem como dos sujeitos que o produzem. Para ele os sujeitos emanam ideologias e posicionamentos por vezes subjacentes nos discursos, servindo-se deste como interesse próprio ou de um grupo. Assim, os discursos podem servir também para marginalizar e criar estratificações sociais.

² Os *outsiders* são vistos como aqueles que não pertencem ao grupo há mais tempo estabelecido. São os “não membros da boa sociedade, os que estão de fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*”. Os *outsiders* “existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo social”. (NEIBURG in ELIAS; SCOTSON, 2000, p.7)